

## NA PROVÍNCIA DOS DEUSES: A IMPORTÂNCIA DAS CIDADES DE KIZUKI E MATSUE PARA A TEORIA DO ETHOS JAPONÊS EM LAFCADIO HEARN

Edelson Geraldo Gonçalves

Mestre e Doutorando em História Social das Relações Políticas (UFES)

### Resumo

Este artigo tem como objetivo principal identificar a maneira como o escritor Lafcadio Hearn desenvolveu em 1904, no seu livro *Japan: An Attempt of Interpretation* a sua interpretação sobre a formação do *ethos* japonês. Essa interpretação foi muito original em relação às outras interpretações disponíveis na época no campo dos estudos japoneses ou outras áreas afins, uma vez que identificava como a fonte o *ethos* do Japão a religião *Shinto*, normalmente considerada como uma forma de religiosidade desprovida de um código de ética. Para cumprir o objetivo proposto analisaremos os indícios do desenvolvimento dessas conclusões enquanto o autor conduzia suas pesquisas na região de Shimane (também conhecida como Izumo), sobretudo suas observações sobre as cidades de Kizuki e Matsue; indícios esses localizados tanto em seu primeiro livro sobre a cultura japonesa, *Glimpses of Unfamiliar Japan*, publicado em 1894, quanto em sua correspondência pessoal do período de 1890 e 1891.

**Palavras-Chave:** Lafcadio Hearn, *Shinto*, *Ethos* japonês.

### Abstract

This paper aims to identify how the writer Lafcadio Hearn developed in 1904, in his book *Japan: An Attempt of Interpretation* his interpretation of the formation of the Japanese ethos. This interpretation was very original compared to the other interpretations available at the time in the field of Japanese studies or other related fields, since that he identified as the source of the ethos of Japan the Shinto religion, usually regarded as a form of religion devoid of a ethical code. To reach the proposed objective of analyze the evidence of the development of these conclusions while the author conducted his research in the Shimane region (also known as Izumo), especially in the cities of Kizuki and Matsue; these vestiges located both in his first book on Japanese culture, *Glimpses of Unfamiliar Japan*, published in 1894, and in his personal correspondence from the period of 1890 and 1891.

**Keywords:** Lafcadio Hearn, Shinto, Japanese Ethos.

## Lafcadio Hearn

Lafcadio Hearn (1850-1904) foi um escritor e jornalista Greco-irlandês. Educado na Inglaterra e na França, trabalhou em jornais e revistas dos EUA (Cincinnati, Nova Orleans e Nova York), sendo enviado para o Japão como correspondente da revista nova-iorquina *Harper's Magazine* em 1890.

Uma vez no Japão, além de dedicar-se ao seu trabalho de jornalista<sup>1</sup>, Hearn também iniciou o ambicioso projeto de compreender o coração do povo japonês, e, como escritor, explicá-lo aos leitores ocidentais, dando a eles uma informação sobre o país que iria além dos exotismos aos quais estavam acostumados<sup>2</sup>.

Nesse esforço Hearn produziu 14 livros sobre o Japão (o que ocupou os 14 últimos anos de sua vida), escritos que mesclam estudos etnológicos, relatos de viagem e ficção. Entre esses livros os que mais se destacam são *Kwaidan* e *Japan: An Attempt of Interpretation*, sendo o primeiro o mais difundido dos livros de Hearn, uma coletânea de contos folclóricos de fantasmas, com reedições sendo impressas até a atualidade. *Japan: An Attempt of Interpretation* por sua vez pode ser tido como a síntese final da erudição de Hearn no campo dos estudos japoneses, um livro que em sua composição em muito se assemelha às obras da antropologia evolucionista que estava então em desenvolvimento, tendo os tópicos do parentesco e da religião como suas principais áreas de interesse (CASTRO, 2005, p. 8).

Essa abordagem antropológica evolucionista deve-se a forte inspiração que Hearn tinha nos trabalhos de Herbert Spencer, seu grande ídolo intelectual, e, como destaca Celso Castro (2005, p. 8), um autor que embora não fosse institucionalmente pertencente ao campo antropológico, também se identificava com a abordagem evolucionista da antropologia.

---

<sup>1</sup> O trabalho jornalístico de Hearn no Japão foi feito principalmente na qualidade de *freelancer*, uma vez que por discordâncias contratuais o autor rompeu com a *Harper's magazine* pouco depois de chegar ao país.

<sup>2</sup> Na época a principal referência literária sobre o Japão no ocidente era o romance de Pierre Loti, *Madame Chrysanthème* publicado originalmente em 1887, sendo uma obra muito criticada pelos estudiosos da cultura japonesa que estavam na ativa no final do século XIX e início do século XX.

Uma característica distintiva da interpretação que Hearn fez do Japão, é a ênfase dada pelo autor à religião *Shinto*, considerando-a como a raiz dos valores japoneses, que na época guiavam a modernização do país<sup>3</sup>. Essa opinião era diversa daquela corrente na época, que identificava o *Shinto* como uma religião sem um *ethos*. O tempo que morou na cidade de Matsue entre 1890 e 1891 foi decisivo para que Hearn formulasse essa opinião, que começa a aparecer em sua correspondência dessa época, e mostrou-se por fim consolidada em seu livro *Japan: An Attempt of Interpretation*. Começaremos a abordar esse período no próximo tópico.

### Lafcadio Hearn em Matsue

A cidade de Matsue é a capital da prefeitura de Shimane, na região da outrora (na Era Tokugawa) chamada província de Izumo, nome pelo qual Hearn preferia chamar a região.

A antiga província de Izumo há muito já se destacava por algumas particularidades; entre elas principalmente por sua importância para os peregrinos religiosos. Tudo isso era devido ao lugar central que a região ocupava na religiosidade nativa do Japão, sendo palco de alguns dos principais mitos da religião *Shinto*<sup>4</sup> e por sua vasta gama de templos e santuários, entre os quais o santuário de Kizuki (que por

---

<sup>3</sup>Após a Restauração Meiji (1868) o processo de modernização japonês ocorreu em duas fases distintas, sendo a primeira uma fase ocidentalizante, baseada principalmente nas ideias do liberalismo (1868-1889) e a segunda uma fase conservadora, baseada nos valores confucionistas e no conservadorismo bismarckiano (1890-1905) (PYLE, 2008, p. 674-720).

<sup>4</sup>Dois exemplos de mitos importantes: primeiramente o mito do deus Susano, que fora expulso do paraíso devido ao seu comportamento turbulento, sendo exilado entre os humanos na província de Izumo. Lá Susano tornou-se um herói, ao matar Yamata no Orochi, o dragão de oito cabeças e oito caudas que aterrorizava a região, encontrando no interior do corpo do monstro a espada que viria a ser conhecida como Kusanagi no Tsurugi (Espada Cortadora de Mato) um dos três tesouros da família imperial (PICKEN, 2011, p. 287-288; ROBERTS, 2010, p. 110). O outro mito é sobre a assembleia de divindades (que reúne todos os deuses, com exceção de Ebisu, o deus da pesca surdo, incapaz de ouvir a convocação) que ocorre no santuário de Kizuki em Izumo, no mês de outubro do calendário gregoriano. Esse mês é chamado de *Kamiarizuki* (mês dos deuses presentes) em Izumo, e de *Kannazuki* (mês dos deuses ausentes) no restante do Japão (BOCKING, 1997, p. 52-53).

vezes Hearn também grafava “Kitzuki”<sup>5</sup>; conhecido por ser o mais antigo do Japão; ocupa o posto de destaque.

Hearn chegou a essa cidade para lecionar inglês em duas escolas, uma de ensino médio (a *Jinjo Chugakko*) e uma normal<sup>6</sup> (a *Shihan-Gakko*), buscando não apenas uma fonte fixa de renda, como também um canal de contato direto com o povo japonês, o que o ajudaria tanto no estudo da cultura quanto no aprendizado do idioma japonês. No livro *Glimpses of Unfamiliar Japan*, Hearn (1894, p. 430-431) nos fornece a seguinte descrição das duas escolas:

*A Jinjo Chugakko é uma imensa construção de madeira de dois andares em estilo europeu, pintada em um tom lívido escuro. Ela tem acomodações para trezentos estudantes. Fica situada no canto de uma grande praça e cercada por canais de dois lados e dos outros dois por ruas muito quietas.*

Esse lugar é muito próximo ao antigo castelo.

*A Escola Normal é muito maior e ocupa o lado oposto da praça. É também muito mais bonita, pintada de branco-neve, e tem uma pequena cúpula sobre seu cume. Há cerca de apenas cento e cinquenta estudantes na *Shihan-Gakko*, mas eles são internos.*

Além disso, Hearn também se casou, com Koizumi Setsu (1868-1932), membra de uma tradicional família de samurais de Matsue (a família Koizumi) ganhando lugar nessa família, tendo em seu interior mais um ponto de vista privilegiado para seus estudos sobre a cultura japonesa. Com o início da Era Meiji, como muitas outras famílias de samurais, os Koizumi caíram na pobreza, em uma situação descrita da seguinte forma por Nina H. Kennard (1912, p. 181-182):

*Mancebos e moças de distinta linhagem, que haviam aprendido apenas “as artes da cortesia” e “as artes da guerra”, se viram obrigados a adotar as mais humildes ocupações, para prover as suas famílias e a si mesmos os meios de sobrevivência. Filhas de homens uma vez vistos como aristocratas se tornaram serviçais juntamente com pessoas de casta inferior, ou suportaram a austera labuta dos campos de arroz e dos charcos de lótus. Suas casas e terras foram confiscadas – suas relíquias de família, robes caros, lacas e porcelanas, passados a preços de fome a aqueles que “a miséria fez ricos”. Entre esses aristocratas estavam os Koizumi.*

<sup>5</sup> Atualmente chamado de Izumo Taisha.

<sup>6</sup> Preparatória de professores para o ensino primário.

Dessa forma, estabelecido como professor de escolas japonesas e membro provedor de uma família tradicional japonesa, Hearn conduziu suas primeiras pesquisas sobre o Japão, tendo nesse primeiro momento a região de Izumo (Shimane), e principalmente sua capital Matsue como foco de sua atenção. O resultado final dessa fase inicial de seus estudos japoneses ficou disponível em 1894, nos dois volumes do livro *Glimpses of Unfamiliar Japan*, que apesar de referir-se ao Japão em seu título, é verdadeiramente um estudo regional sobre Izumo e sua cidade principal (MURRAY, 2001, p. 146). Esse livro contém vinte e sete textos, de vários estilos, como a narrativa de mitos populares, relatos de viagem (abordando entre outros, santuários, peregrinações e outros lugares sagrados) e análises culturais.

*Glimpses of Unfamiliar Japan* foi o ponto de partida do corpo de ideias que Hearn publicou sobre a sociedade japonesa. Esse conjunto de interpretações ganhou sua forma final em 1904 com seu livro *Japan: An Attempt of Interpretation*.

Um momento chave para o desenvolvimento dessas interpretações foi sua visita ao Santuário de Kizuki, que abordaremos a seguir.

### **O Santuário de Kizuki**

Durante suas pesquisas, em julho de 1890, Hearn viaja para Kizuki, outra cidade da região de Izumo, a apenas 30 km de Matsue. Nessa cidade, que em uma carta Hearn (1906, p. 43) viria a denominar como “a Cidade Sagrada do Japão”, se localiza o santuário de mesmo nome, o mais antigo do Japão, cujo interior Hearn teria a oportunidade de conhecer.

Essa oportunidade, até então inédita para qualquer ocidental, foi dada a Hearn graças a uma carta de recomendação de Nishida Sentaro, professor de inglês da escola de ensino médio de Matsue e o melhor amigo que Hearn fez na cidade. Essa

carta foi endereçada ao guardião do Santuário de Kizuki, Senge Takanori<sup>7</sup>, por tradição familiar detentor do cargo de *Guji*<sup>8</sup> do santuário; membro de uma linhagem que alegava ter sua ascendência na deusa do sol Amaterasu Omikami, e segundo Hearn o homem mais respeitado da província de Izumo (HEARN, 1894, p. 173, 206).

Hearn narra sua visita ao santuário de Kizuki em seu livro *Glimpses of Unfamiliar Japan*, mais especificamente no texto *Kitzuki: The Most Ancient Shrine of Japan*, o oitavo texto do primeiro volume. Nessa narrativa o autor escreve primeiramente sobre a chegada a cidade de Kizuki, em companhia de seu amigo e intérprete Manabe Akira, um noviço budista que conhecera em Yokohama pouco tempo depois de chegar ao Japão (HEARN, 1894, p. 15). Faz também a descrição da visão que teve ao adentrar o santuário:

Estou agradavelmente surpreso de descobrir; a medida que passamos novamente sob o magnífico torii de bronze o qual admirei na noite passada; que as cercanias do templo perderam muito pouco de sua imponência quando vistas pela primeira vez sob a luz do sol. A majestuosidade das árvores permanece assombrosa; a visão da avenida é grandiosa; e os vastos espaços dos bosques e campos a direita e a esquerda são mais impressionantes do que eu havia imaginado. Multidões de peregrinos estão indo e vindo, mas toda a população da província poderia andar nessa avenida sem se aglomerar. Antes do portão da primeira quadra um sacerdote Shinto em sua completa veste sacerdotal nos aguarda para receber-nos. Um ancião, com um agradável e amigável rosto. O mensageiro levamos para sua presença e [depois] desaparece no portão de entrada, enquanto o velho sacerdote, cujo nome é Sasa, nos mostra o caminho (HEARN, 1894, p. 187-188).

E depois de mais algumas observações sobre a arquitetura do local, escreve sobre seu encontro com Senge Takanori, intermediado por Sasa e sobre suas impressões sobre ele:

[Senge Takanori é] uma majestosa figura barbada, peculiarmente penteado e todo trajado em branco. Nosso guia sacerdotal nos leva para tomar nossos lugares diante dele, para nos curvarmos perante ele. Pois esse é Senke Takanori, o *Guji* de Kitzuki, com o qual em sua própria moradia ninguém pode falar a não ser de joelhos, descendente da Deusa do Sol e ainda reverenciado por multidões como um super-humano (HEARN, 1894, p.191).

<sup>7</sup> Cujo nome Hearn escreve como "Senke Takanori".

<sup>8</sup> Cargo de alto-sacerdote de um santuário. Tradicionalmente em algumas regiões esse cargo era hereditário; prática essa que o governo Meiji buscou suprimir porém sem sucesso em muitos casos. O santuário de Kizuki é um dos exemplos em que a hereditariedade do cargo continuou sendo praticada (PICKEN, 2011, p. 98), sendo nesse caso uma instituição da família Senge.

E após isso continua:

Senke Takanori é um homem jovial e poderoso. Sentado diante de mim em sua pose imóvel e hierática, com seu singular e altivo chapéu, sua pesada e ondulada barba, e seu amplo e alvo robe sacerdotal se espalhando amplamente ao redor dele em ondulações estatuéscas, ele revela para mim tudo o que eu havia imaginado por sugestão de antigas pinturas japonesas, sobre a majestade pessoal dos antigos príncipes e heróis. A dignidade desse homem apenas por si compele ao respeito, mas juntamente com esse sentimento de respeito também me faz lembrar da profunda reverência prestada a ele pela população da mais antiga província do Japão, a ideia do imenso poder espiritual em suas mãos, a tradição de sua ascendência divina, o senso de nobreza imemorial de sua raça, – e meu respeito aprofunda-se para um sentimento semelhante ao temor. Imóvel ele parece apenas uma estátua sagrada, – a imagem do templo de um de seus próprios ancestrais deificados. Mas a solenidade dos primeiros momentos é agradavelmente interrompida por suas primeiras palavras, pronunciadas em um tom baixo e afortunado, enquanto seus olhos negros e gentis permanecem fixados em meu rosto. Então meu intérprete traduz sua saudação, – longas frases de cortesia, – às quais eu respondo da melhor maneira que posso, expressando minha gratidão pelo excepcional favor concedido a mim.

“Você é de fato”, ele responde através de Akira, “o primeiro europeu já permitido a adentrar o *Oho-Yashiro* [Grande Santuário]. Outros europeus visitaram Kizuki e alguns poucos foram permitidos a entrar no quarteirão do templo, mas você é o primeiro a ser admitido na residência do deus (HEARN, 1894, p. 191-192).

Sobre Senge Takanori, Hearn (1894, p. 206) ainda faria a seguinte observação:

Fora do Japão, talvez nenhum outro ser humano, exceto o Dalai Lama do Tibete, foi tão humildemente venerado e tão religiosamente amado. Dentro do próprio Japão apenas o Filho do Céu, o “Tenshi-Sama” [Imperador] permanecendo como mediador “entre seu povo e o Sol”, recebe homenagem semelhante, mas a honorável reverência paga ao Mikado [Imperador] é paga a um sonho, e não a uma pessoa, a um nove ao invés de uma realidade, pois o Tenshi-Sama é sempre invisível como uma divindade, “divinamente retirado”, e segundo a crença popular nenhum homem pode olhar para sua face e [continuar a] viver.

Hearn relata seu passeio pelo santuário, acompanhado por Senge Takanori e seu assistente Sasa, tendo por intermédio da interpretação de Akira, respondidas suas perguntas sobre a história e a arquitetura do santuário, ao mesmo tempo que também ouve do *Guji* explicações sobre mitos, ritos e festivais ligados a Kizuki.

Hearn também foi convidado à residência privada de Senge Tankanori, onde lhe foram mostradas algumas relíquias sob o poder da família Senge, que Hearn (1894, p. 203) descreve da seguinte maneira:

Cartas de Yoritomo, de Hideyoshi, de Iyeyasu, documentos escritos a punho de antigos imperadores, e de grandes shoguns, centenas de preciosos manuscritos que ele mantém em uma arca de cedro. Em caso de fogo a remoção imediata dessa raça para um local seguro é a primeira obrigação dos serviçais da casa.

Ao final de sua visita ao santuário Hearn (1894, p. 203) recebe alguns presentes: “Na partida nosso gentil anfitrião me presenteia com [um] *ofuda*, ou amuleto sagrado, dado aos peregrinos, – duas belas gravuras das principais divindades de Kitzuki, – e alguns documentos relacionados à história do templo e seus tesouros.”

E Hearn (1894, p. 208) termina seu relato sobre o Santuário de Kizuki propriamente dito com as seguintes palavras:

Não posso suprimir a descortês exultação de pensar nisso. Eu tive o privilégio de ver o que nenhum estrangeiro teve o privilégio de ver – o interior do mais antigo santuário do Japão, e seus utensílios sagrados e exóticos ritos de adoração primitiva, tão valiosos para os estudos do antropólogo, quanto do evolucionista.

Após essa visita Hearn desenvolveu sua teoria sobre o *ethos* japonês, em um processo que veremos no tópico seguinte.

## **A Importância do Shinto**

Um incidente ocorrido em Kizuki; ao qual Hearn não faz menção em seu artigo sobre a visita a essa cidade e ao seu santuário principal; envolve a intolerância religiosa de adeptos do *Shinto* em relação ao Budismo (um caso de boicote por razões religiosas), intolerância que anos antes fora inclusive encorajada pelas autoridades



Meiji<sup>9</sup>, e que mesmo após ter sido abandonada como medida de governo, ainda podia ser vista, como no episódio que Hearn (1906, p. 47-48) testemunhou, e descreveu a seu amigo, o filólogo Basil Hall Chamberlain:

Eu devo lhe contar sobre um incidente de renascimento do *Shinto* puro. Em Kizuki, até muito recentemente, dois dos hotéis eram mantidos por famílias pertencentes à uma seita budista, como também à seita do *Shinto* de Kizuki, e em seus estabelecimentos, assim como quase em cada casa de Izumo, havia um *butsudan* [altar budista] assim como um *kamidama* [altar shinto]. Mas alguns peregrinos que vieram à Kizuki, cheios de um ardente zelo pelo *Shinto*, ficaram irados por ver um *butsudan* no interior da Cidade Sagrada, arrumaram suas coisas, e foram para um hotel onde não houvesse nenhum Buda, e ficaram lá – e enviaram mensagens a seus colegas peregrinos. O resultado foi que todos os hotéis em Kizuki suprimiram o Budismo, ou pelo menos suas demonstrações externas: eles se tornaram puramente *Shinto*. Esse incidente pode ser um pouco anômalo, mas é a confirmação do que eu disse antes, sobre a predominância do *Shinto*.

Após sua a Kizuki, em Matsue Hearn passou a dar mais atenção à presença da religião *Shinto* no cotidiano que observava, desenvolvendo assim um ponto de vista divergente do predominante entre os estudiosos do período, que davam mais atenção à religião budista (juntamente com o Confucionismo) como um elemento central para compreender a cultura japonesa (ROSENSTONE, 1988, p. 157-158), um ponto de vista do qual Hearn compartilhava antes de sua visita à Kizuki.

E mais do que isso, o *Shinto* era comumente considerado pelos intelectuais como desprovido de características éticas, como podemos ver na opinião de William Elliot Griffis, em seu livro *Religions of Japan*, obra na qual o autor leva em consideração o argumento do teórico da religião *Shinto*, Motoori Norinaga (1730-1801), que argumentaria que “a moral foi inventada pelos chineses porque eles são um povo imoral, mas no Japão não há necessidade de nenhum sistema de moral, pois todo japonês agirá corretamente se ele consultar apenas o seu coração” (GRIFFIS, 1901, p. 92). Para Griffis a fonte da moralidade japonesa é o Confucionismo, como veremos à frente.

---

<sup>9</sup>Quando o *Shinto* foi transformado em “*Shinto* de Estado” com a criação do Departamento do *Shinto* em 1868, começou uma campanha radical para purificar a religião nativa do Japão, separando-a do Budismo, uma vez que ambas tinham há séculos uma relação de profundo sincretismo. Durante o período entre 1868 e 1871 muitos ataques governamentais e populares foram feitos ao Budismo, acarretando inclusive na destruição de muitos templos e relíquias (GORDON, 2003, p. 110-111).

O argumento de Motoori também ecoava nas opiniões que outros estudiosos da cultura japonesa tinham sobre o tema, como por exemplo Chamberlain (1905, p. 419) que em seu livro de 1890, *Things Japanese* expressa a seguinte opinião sobre o *Shinto*:

[...] não tem conjunto de dogmas, livro sagrado e código moral. A ausência de um código moral é atribuída, nos escritos de comentadores nativos, à inata perfeição da humanidade japonesa, que afasta a necessidade de tais suportes externos. Apenas os desamparados, como os chineses e as nações ocidentais tem em sua depravação natural a necessidade da aparição de sábios e reformadores [para sanar suas necessidades morais].

Hearn (1906, p.13) por sua vez, escreve os primeiros indícios (sua carta sobre o incidente de intolerância em Kizuki foi posterior a esta) de sua nova opinião, em uma carta enviada de Matsue, a seu amigo Chamberlain em outubro de 1890:

Eu estou mais e mais impressionado com a ascendência do *Shinto* aqui. Todos são Xintoístas; e cada casa parece ter tanto um *kamidama* quanto seu *butsudan*. Uma rua é quase inteiramente composta de templos budistas – a *Teramachi*; mas todos os fiéis também observam os trabalhos do *Shinto* em certos dias. Os amuletos suspensos sobre as portas, etc., são *Shinto*. Os deuses (1) *Ebisu* e (2) *Daikoku*, aqui identificados respectivamente com (1) *Koto-shiro-nushi-no-Kami* e (2) *Oho-kuni-nushi-no-Kami*, são monopolizados pelo *Shinto*. Esses signos e mistérios estão em toda parte: a atmosfera é cheia de magia.

Posteriormente, em abril de 1891, em outra carta enviada de Matsue ao Professor Chamberlain, Hearn (1906, p. 26-27) emite uma opinião mais elaborada sobre o assunto:

Sobre o *Shinto*... com certeza, tão logo sua filosofia [a do Budismo] esteja em causa (a qual eu sou muito afeiçoado, a despeito de minha devoção a Herbert Spencer), e o romance do sentimento religioso, e as lendas, e a arte, – minhas experiências em Izumo não mudaram em nada meu amor pelo Budismo. Se fosse possível para mim adotar uma fé, eu o adotaria. Mas o *Shinto* me parece como uma força oculta, – vasta, extraordinária, – que não é seriamente levada em conta como força. Eu acho que ele é um obstáculo irremediavelmente irrefragável para a cristianização do Japão (e eu sou perverso o bastante para amá-lo por essa razão). Não é totalmente uma crença, não é totalmente uma religião; é algo disforme como um magnetismo e indefinível como um impulso ancestral. É parte da Alma da raça. Isso significa que toda lealdade à nação e seus soberanos, a devoção dos súditos aos príncipes, o respeito as coisas sagradas, a conservação dos princípios, tudo o que os ingleses poderiam chamar de senso do dever; mas nesse

caso esse senso parece ser hereditário e inerente. Eu acho que um bebê [japonês] é *Shinto* desde o [primeiro] momento em que seus olhos podem ver. Aqui, também, o simbolismo do *Shinto* está entre as primeiras coisas que as crianças veem (e suponho que seja a mesma coisa em Tóquio). Os brinquedos são em grande extensão brinquedos *Shinto*; e os passeios de uma jovem mãe com seu bebê às costas são sempre em templos *Shinto*. O quanto o Confucionismo pode ter penetrado e se misturado a essa admirável característica dos garotos japoneses em sua atitude para com os professores e superiores eu não sei; mas acho que é muito mais amável nesses garotos o reflexo exterior do espírito do *Shinto*, – o seu espírito hereditário.

Esse ponto de vista esboçado em sua correspondência de 1890 e 1891 viria a ganhar pela primeira vez uma forma publicada em seu artigo sobre o santuário de Kizuki, mais especificamente ao final do texto, após terminado o seu relato da visita, espaço que reserva para uma reflexão sobre a importância do *Shinto* para a sociedade japonesa. Nesse trecho Hearn (1894, p. 208-210) registra as seguintes palavras:

Ver Kizuki é ver o centro vivo do *Shinto*, é sentir a vida pulsante da antiga fé, vibrando tão poderosamente no século XIX como naquele passado do qual o próprio *Kojiki*, escrito em uma língua não mais falada, não é mais do que uma recordação moderna. O Budismo, mudando ou lentamente ruindo com os séculos, deve estar condenado a morrer, pelo menos nesse Japão para o qual veio apenas como uma fé estrangeira, mas o *Shinto*, imutável e vitalmente perene, ainda permanece dominante em sua terra de nascimento, e parece apenas ganhar em poder e dignidade com o passar do tempo. O Budismo tem uma volumosa teologia, uma profunda filosofia e uma literatura vasta como o mar. O *Shinto* não tem filosofia, não tem código de ética, não tem metafísica, e ainda, por sua verdadeira imaterialidade, ele pôde resistir à invasão religiosa ocidental de uma maneira como nenhuma outra fé oriental pôde. O *Shinto* dá boas-vindas à ciência ocidental, mas permanece um irresistível oponente da religião ocidental, e os zelotes estrangeiros que rivalizam com ele, estão estupefatos ao descobrir que o poder que frustra seus supremos esforços é indefinível como o magnetismo e invulnerável como o ar. De fato os melhores entre nossos intelectuais nunca foram capazes de nos dizer o que o *Shinto* é. Para alguns ele parece um mero culto aos ancestrais, para outros, culto aos ancestrais somado ao culto a natureza; para outros, novamente, não parece realmente uma religião, para os missionários do tipo mais ignorante, ele é a pior forma de paganismo. Sem dúvidas a dificuldade de se explicar o *Shinto* é devida simplesmente ao fato de que os sinologistas buscaram por sua fonte em seus livros: no *Kojiki* e no *Nihongi*, onde estão suas histórias, no *Norito*, onde estão suas orações; e nos comentários de Motowori [Motoori] e Hirata, que são seus grandes eruditos. Mas a realidade do *Shinto* não vive nos livros, nem nos ritos, nem nos mandamentos, mas no coração nacional, no qual está a mais elevada expressão religiosa

emocional, imortal e sempre jovem. Subjacente a toda superfície de supertições exóticas, mitos vulgares e magia fantástica, está vibrando uma poderosa força espiritual, a alma de toda uma raça, com todos os seus impulsos, poderes e instituições. Aquele que deve saber o que o *Shinto* é deve aprender a reconhecer a alma misteriosa na qual o senso de beleza, o poder da arte, o fogo do heroísmo, o magnetismo da lealdade e a emoção de fé se tornaram inerentes, imanentes, inconscientes e instintivos.

Nessa passagem, em concordância com a opinião corrente entre os autores da época, Hearn afirma que o *Shinto* “não tem código de ética”, no entanto à frente atribui ao *Shinto* “o fogo do heroísmo” e “o magnetismo da lealdade”, elementos que podem ser considerados como componentes de um *ethos*.

Essa contradição se desfaz em seu livro *Japan: An Attempt of Interpretation*, no qual o autor assume o *Shinto* como elemento central em sua interpretação da cultura japonesa, fazendo nas primeiras páginas do livro o seguinte comentário sobre a religião:

Até agora o tópico da religião japonesa tem sido escrito principalmente por inimigos jurados dessa religião [missionários cristãos]: por outros ela tem sido quase totalmente ignorada. Ainda assim, enquanto continuar a ser ignorada ou mal interpretada, nenhum conhecimento real sobre o Japão será possível. Qualquer verdadeira compreensão das condições sociais requer mais que um conhecimento superficial de suas condições religiosas (HEARN, 1906, p. 4).

Posteriormente acrescenta:

A história do Japão é de fato a história de sua religião. Nenhum único fato é em sua conexão mais significativa do que o fato de que o antigo termo japonês para governo – *matsuri-goto* – signifique literalmente “assuntos de adoração”. Posteriormente descobriremos que não apenas o governo, mas quase tudo na sociedade japonesa, deriva diretamente ou indiretamente de seu culto aos ancestrais, e em substância são os mortos ao invés dos vivos que governam a nação, e são os artífices de seus destinos (HEARN, 1906, p. 38).

Com base nesse raciocínio Hearn denomina o Japão como “O Reino dos Mortos” (*The Rule of the Dead*), sendo esse também o título do nono capítulo do livro, no qual o autor escreve sobre a influência das tradições deixadas pelos mortos, e do culto aos ancestrais, sobre a vida social e a moralidade dos japoneses, e ainda

antes desse capítulo Hearn (1906, p. 57) argumenta que “todo o sistema ético do Extremo Oriente [e não apenas do Japão] deriva da religião do lar [o culto aos ancestrais]”. Acrescentando ainda que “desse culto evoluíram todas as ideias de dever para com os vivos, assim como para com os mortos, o sentimento de reverência, o sentimento de lealdade, o espírito de auto-sacrifício e o espírito do patriotismo” (HEARN, 1906, p. 57).

Hearn (1906, p. 65) acrescenta ainda que sob esse culto se desenvolveram “a organização da família, [e] as leis que prezam pela propriedade e sucessão” mais do que isso, a “família em si é uma religião, e a casa ancestral um templo” (HEARN, 1906, p. 56) sendo que o laço familiar “não era um laço de afeição, mas um laço de religião ao qual a afeição natural está subordinada” (HEARN, 1906, p. 67). Em outras palavras a própria existência das famílias japonesas seria subordinada ao culto ancestral, as famílias se perpetuavam pelo dever de manter o culto a seus ancestrais (HEARN, 1906, p. 68).

Sob a interpretação evolucionista que Hearn fazia da história, o culto aos ancestrais podia se desenvolver e evoluir de um primeiro estágio (familiar), e após passar por um segundo estágio tribal (culto aos ancestrais importantes da comunidade), chegar ao terceiro estágio, o culto nacional (culto aos espíritos ancestrais dos governantes) (HEARN, 1906, p. 41).

Hearn (1906, p. 122) comenta esse terceiro estágio com as seguintes palavras: “[...] a evolução do culto nacional – a forma na qual o *Shinto* se tornou a religião do Estado – parece ter sido japonesa, no estrito sentido da palavra. Esse culto é a adoração dos deuses dos quais os imperadores alegam descender, – a adoração dos ancestrais “imperiais””. Esses ancestrais imperiais seriam em essência como outras divindades do culto ancestral familiar e comunitário, patriarcas do passado que foram deificados (HEARN, 1906, p. 33).

Lealdade, heroísmo, espírito de sacrifício e patriotismo são as virtudes éticas que Hearn identifica no *Shinto*, como pudemos ver anteriormente; e nas palavras do autor:

[...] a ética do *Shinto* está toda inclusa, na doutrina da obediência irrestrita aos costumes, originada, em sua maior parte, no culto

familiar. A ética não é diferente da religião, a religião não é diferente do governo, e a própria palavra governo significa “assuntos de religião”. Todas as cerimônias governamentais são precedidas por orações e sacrifícios, e do grau mais alto da sociedade até o mais baixo, cada pessoa está sujeita a lei da tradição. Obedecer é piedoso, desobedecer é ímpio, e a lei da obediência é compelida em cada indivíduo pela vontade da comunidade à qual ele pertence. A antiga moralidade consiste na mínima observância das regras de conduta da casa, da comunidade e da mais elevada autoridade.

Mas essas regras de comportamento na maior parte das vezes representam o efeito da experiência social; e dificilmente será possível obedecê-las fielmente e ainda assim permanecer uma má pessoa. Elas ordenam reverência ao oculto, respeito à autoridade, afeição aos pais, ternura para com a esposa e os filhos, gentileza com os vizinhos, gentileza com os dependentes, diligência e pontualidade no trabalho, frugalidade e limpeza nos hábitos. Embora à primeira vista a moralidade não signifique mais que obediência à tradição, a tradição em si gradualmente se identifica com a moralidade (HEARN, 1906, p. 175-176).

Dessa forma, no entendimento de Hearn, toda a moralidade japonesa deriva essencialmente da lealdade, que praticada primeiramente no seio da família (no culto familiar), progrediria evolutivamente para a lealdade nacional (no culto nacional), e desse sentimento de lealdade seriam derivados os impulsos de patriotismo, heroísmo e sacrifício. Virtudes consideradas essenciais no Japão Imperial.

Essa importância que Hearn atribuiu ao *Shinto* e seu aspecto de culto aos ancestrais foi algo atípico entre as interpretações correntes entre outros ocidentais dedicados ao estudo da cultura japonesa, como já mencionamos anteriormente, e essas conclusões do livro de 1904 germinaram do *insight* que Hearn teve em 1890, após sua visita a Kizuki, e das reflexões que fez com a observação do cotidiano de Matsue, influenciadas por essa experiência.

Atualmente sua interpretação é criticada. Um exemplo disso são as palavras de Earl Miner (2004, p. 67), que embora enfatize o mérito de Hearn em reconhecer o papel do culto aos ancestrais na formação da moralidade japonesa, também destaca que “é extraordinário que seu index contenha apenas duas referências ao Confucionismo<sup>10</sup> [...] e nenhuma ao *shushigaku*<sup>11</sup>. Muito do que ele atribui ao

---

<sup>10</sup> Nessas duas referências Hearn faz comparações da importância do Confucionismo e do Budismo na história do Japão, primeiramente chamando a atenção sobre como o Confucionismo foi antes do Budismo uma influência importante para a organização do Estado (HEARN, 1906, p. 204), e em

Budismo e ao *Shinto* simplesmente tem outra fonte”. De fato se esperarmos referências diretas ao papel do Confucionismo na moralidade japonesa em *Japan: An Attempt of Interpretation* nós não encontraremos, embora tal constatação existisse nas obras de autores de destaque contemporâneos a Hearn como Griffis e Nitobe Inazo, em seu livro amplamente influente *Bushido: the soul of Japan*<sup>12</sup>.

Em seu livro de 1895, *The Religions of Japan*, Griffis (1901, p. 94) afirma que “Os palestrantes do *Shinto*, com desavergonhado plágio, vasculharam os armazéns da ética chinesa. Eles retiraram à força suas lições dos clássicos chineses”. Por sua vez Nitobe (2005, p. 17) em 1899, argumenta que “os ensinamentos de Confúcio foram a fonte mais produtiva do *Bushido*”, sendo que no livro de Nitobe, “*Bushido*” (caminho do guerreiro) é o nome dado ao código de ética que seria seguido pelos antigos samurais, e por sua vez seria a base do *ethos* dos japoneses da Era Meiji.

Contudo não concordamos com o argumento de Miner, de que Hearn desconsiderasse ao Confucionismo um papel no *corpus* ético da sociedade japonesa. Como pudemos constatar em uma de suas cartas, na qual diz que não saberia o “quanto o Confucionismo pode ter penetrado e se misturado a essa admirável característica [ética] dos garotos japoneses” ele possuía suspeitas sobre o papel confuciano nesse processo. E o principal indício de que Hearn levou o Confucionismo em consideração enquanto tecia seus argumentos em *Japan: An Attempt of Interpretation*, é a recorrente referência que o autor faz ao conceito de “piedade filial<sup>13</sup>” (*filial piety*) (Hearn cita esse conceito 31 vezes ao longo do texto, fora os momentos em que ele aparece em citações diretas de outros livros e documentos), um conceito marcadamente confucionista ao qual Hearn atribui um lugar de grande importância dentro do culto aos ancestrais, seja esse culto familiar, comunitário ou nacional, colocando a piedade filial como uma característica central

---

seguida ressalta como o amor pelo conhecimento encorajado entre os japoneses pela moral confucionista ajudou na difusão do Budismo no Japão (HEARN, 1906, p. 207).

<sup>11</sup> O *shushigaku* ou Neo-Confucionismo chegou ao Japão no século XIII e ganhou força durante a Era Tokugawa (1600-1868). Essa escola de pensamento, entre todas as virtudes confucionistas enfatizava a lealdade e a piedade filial, sendo muito importante para a penetração das noções morais do confucionismo na prática do *Shinto* (FRÉDERIC, 2008, p. 1087-1088).

<sup>12</sup> Para esse artigo consultamos a edição brasileira do livro de Nitobe; *Bushido: Alma de Samurai*, publicado em 2005 pela editora Tahyu.

<sup>13</sup> Princípio segundo o qual a reverência dos indivíduos deve ser dirigida para aqueles que lhes são hierarquicamente superiores, como os pais, os chefes, o Imperador, entre outros (ELIADE; COULIANO, 1999, p. 95-99).

na formação da virtude japonesa da lealdade, essa qualidade tão cara ao *ethos* do Japão Imperial, como está colocado nas palavras do próprio Lafcadio Hearn (1906, p. 349): “[a] piedade filial foi a base da ordem social, e a lealdade em si mesma foi derivada da piedade filial”.

## Conclusão

Com a exposição e análise das fontes apresentadas nesse texto podemos concluir que a teoria de Lafcadio Hearn sobre o *ethos* japonês deriva em função de seu trabalho de campo justamente das experiências que nos ambientes em que a religião *Shinto* era praticada, notadamente em Matsue e Kizuki, como foi exposto no presente artigo. Tais conclusões se diferenciaram das de outros autores como Griffis e Chamberlain, muito mais livrescas que as de Hearn, que evoluíram de percepções influenciadas por escritos desse tipo até a forma definitiva encontrada no livro *Japan: An Attempt of Interpretation*, que colocava justamente a religião *Shinto*, até então comumente considerada como desprovida de *ethos* próprio, como a legítima fonte da ética japonesa (principalmente em seu aspecto de culto aos ancestrais), embora não despida de outras influências, como o valor da piedade filial vinda do confucionismo. Essa interpretação compunha o âmago da interpretação de Hearn sobre a cultura japonesa.

**Dados do Autor:** Edelson Geraldo Gonçalves é Mestre e Doutorando em História Social das Relações Políticas (UFES). Bolsista pela FAPES. E-mail para contato: [edelsongeraldo@yahoo.com.br](mailto:edelsongeraldo@yahoo.com.br).



## Referências Bibliográficas

BOCKING, Brian. *A Popular Dictionary of Shinto*. Richmond: Curzon, 1997.

CASTRO, Celso. Apresentação. In. \_\_\_\_\_ (org). *Evolucionismo Cultural: Textos de Morgan, Tylor e Frazer*. p. 7-40. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

CHAMBERLAIN, Basil Hall. *Things Japanese: Notes on Various Subjects Connected with Japan*. Londres: Kelly & Walsh, 1905.

ELIADE, Mircea; COULIANO, Ian P. *Dicionário das Religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FRÉDÉRIC, Louis. *O Japão: Dicionário e Civilização*. São Paulo: Globo, 2008.

GORDON, Andrew. *A Modern History of Japan: From Tokugawa Times to the Present*. Oxford: Oxford University Press, 2003.

GRIFFIS, William Elliot. *The Religions of Japan: From the Dawn of History to the Meiji Era*. Nova York: Charles Scribner's Sons, 1901.

HEARN, Lafcadio. *Glimpses of Unfamiliar Japan*. Boston: Houghton Mifflin and Company, 1894.

\_\_\_\_\_. *Japan: An Attempt at Interpretation*. Nova York: Grosset & Dunlap, 1906.

\_\_\_\_\_. To Basil Hall Chamberlain: Matsue, October, 1890. In: BISLAND, Elizabeth. *Life and Letters of Lafcadio Hearn*. p. 12-14. Boston: Houghton Mifflin and Company, 1906. v.2.

\_\_\_\_\_. To Basil Hall Chamberlain: Matsue, April, 1891. In: BISLAND, Elizabeth. *Life and Letters of Lafcadio Hearn*. p. 26-28. Boston: Houghton Mifflin and Company, 1906. v.2.

\_\_\_\_\_. To Page M. Baker: Matsue, August, 1891. In: BISLAND, Elizabeth. *Life and Letters of Lafcadio Hearn*. p. 43-46. Boston: Houghton Mifflin and Company, 1906. v.2.

\_\_\_\_\_. To Basil Hall Chamberlain: Yabase, August, 1891. In: BISLAND, Elizabeth. *Life and Letters of Lafcadio Hearn*. p. 46-51. Boston: Houghton Mifflin and Company, 1906. v.2.

KENNARD, Nina H. *Lafcadio Hearn*. Nova York: D. Appleton and Company, 1912.

MINER, Earl. Hearn and Japan: An Attempt at Interpretation. In. HIRAKAWA, Sukehiro (org). *Lafcadio Hearn: Japanese Legends, Life and Culture*. p. 58-71. Folkestone: Global Oriental, 2004.

MURRAY, Paul. *A Fantastic Journey: The Life and Literature of Lafcadio Hearn*. Nova York: Routledge, 2001.

NITOBÉ, Inazo. *Bushido: Alma de Samurai*. São Paulo: Tahyu, 2005.

PICKEN, Sturt D. B. *Historical Dictionary of Shinto*. Lanhan: Scarecrow Press, 2011.

PYLE, Kenneth B. Meiji Conservatism. in: JANSEN, Marius B (org). *The Cambridge History of Japan: Volume 5, The Nineteenth Century*, p. 674-720. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.

ROBERTS, Jeremy. *Japanese Mythology: A to Z*. Chelsea House: Nova York, 2010.

ROSENSTONE, Robert A. *Mirror in the Shrine: American Encounters with Meiji Japan*. Cambridge: Harvard University Press, 1988.